

Um estudo das representações linguísticas de descendentes germânicos em Niterói

A Study of the Linguistic Representations of German Descendants in Niterói

**Anderson Lucas da Silva
Macedo**

Universidade Federal Fluminense (UFF)
Niterói | RJ | BR
andersonlucas@id.uff.br
<https://orcid.org/0000-0002-6552-2200>

**Mônica Maria Guimarães
Savedra**

Universidade Federal Fluminense (UFF)
Niterói | RJ | BR
msavedra@id.uff.br
<https://orcid.org/0000-0003-1056-9391>

Resumo: Este estudo investiga as representações linguísticas dos descendentes de imigrantes alemães no município de Niterói observando como esses sujeitos constroem, interpretam e valorizam a língua alemã no contexto contemporâneo. A pesquisa insere-se no campo da sociolinguística de contato e parte de um panorama histórico da imigração germânica no Brasil (Bezerra, 2015; Lang, 2002). A fundamentação teórica mobiliza o conceito de representação linguística, discutido a partir de autores como Petitjean (2009), Gueunier (2003) e Calvet (1998), enfatizando o caráter simbólico e social das percepções linguísticas. Metodologicamente, o estudo adota uma abordagem qualitativa baseada em entrevistas sociolinguísticas semiestruturadas, realizadas com doze descendentes de alemães residentes em Niterói. Os resultados indicam uma relação predominantemente distante com a língua e a cultura alemãs, marcada pela perda intergeracional do idioma, pelo pouco contato com parentes europeus e por uma desconexão cultural reforçada por fatores como barreiras linguísticas e limitações econômicas. Ainda assim, observa-se entre os participantes um forte desejo de preservar a memória familiar, assim como uma valorização simbólica das raízes germânicas. A análise evidencia como as representações linguísticas articulam identidade, memória e pertencimento, revelando as tensões entre herança cultural e assimilação linguística no contexto brasileiro.

Palavras-chave: representação linguística, imigração alemã em Niterói, identidade.



Abstract: This study investigates the linguistic representations of descendants of German immigrants in the municipality of Niterói, examining how these individuals construct, interpret, and ascribe value to the German language in contemporary contexts. The research is situated within the field of contact sociolinguistics and draws on a historical overview of German immigration to Brazil (Bezerra, 2015; Lang, 2002). The theoretical framework mobilizes the concept of linguistic representation, discussed by authors such as Petitjean (2009), Gueunier (2003), and Calvet (1998), emphasizing the symbolic and social dimensions of linguistic perceptions. Methodologically, the study adopts a qualitative approach based on semi-structured sociolinguistic interviews conducted with twelve descendants of Germans residing in Niterói. The results indicate a predominantly distant relationship with the German language and culture, marked by intergenerational language loss, limited contact with relatives in Europe, and a cultural disconnection reinforced by factors such as linguistic barriers and economic constraints. Nevertheless, participants expressed a strong desire to preserve family memory, as well as a symbolic appreciation of their German heritage. The analysis highlights how linguistic representations articulate identity, memory, and belonging, revealing tensions between cultural heritage and linguistic assimilation in the Brazilian context.

Keywords: Language representation, German immigration in Niterói, identity.

1 Introdução

A imigração alemã no Brasil, iniciada na segunda década do século XIX, teve o estado Rio de Janeiro como um dos primeiros lugares de acolhimento. O movimento migratório da época resultou na formação de diversas comunidades que, ao longo do tempo, desenvolveram dinâmicas culturais e linguísticas próprias (Savendra e Rosenberg, 2019). Em uma publicação sobre o tema, Silva & Mello (2010) afirmam que entre 1886 e 1930 cerca de 250 mil alemães chegaram em território. No âmbito de nossa investigação, observamos que os descendentes de imigrantes germânicos no município de Niterói a partir de 1824. É importante mencionar que tal chegada não se concentrou num único período apenas; houve diversas chegadas ao longo das décadas.

Os descendentes dos imigrantes falantes de alemão mantêm uma relação singular com a língua alemã, que oscila entre a preservação como símbolo de herança cultural e o afastamento diante do predomínio do português. Nesse contexto, a língua alemã assume um papel complexo na construção da identidade desses indivíduos, ao mesmo tempo em que reflete dinâmicas de representatividade linguística e cultural.

Pesquisar a presença alemã no município citado não é uma tarefa muito simples, pois os escritos a esse respeito não abundam. Destacamos, ainda assim, a excelente pesquisa de Bezerra (2015) intitulada “Britânicos e Alemães em Niterói: um estudo de migração urbana” a qual conta atentamente o percurso desses europeus na localidade referida mediado por um viés histórico. Nosso intuito é complementar os estudos já realizados sobre imigração na história niteroiense pela perspectiva da sociolinguística de contato (Savedra *et al.*, 2021). Para tal, consideramos o conceito de identidade e representação linguísticas para compreender como a língua alemã é percebida, valorizada ou marginalizada pelos descendentes de imigrantes germânicos em Niterói.

O método escolhido para compreender o fenômeno linguístico citado foi dar ouvidos às narrativas contadas pelos próprios descendentes de Niterói. Trata-se de uma prática consolidada há décadas nos estudos sociolinguísticos, destacada por Tarallo (1997, p. 23), para quem “a narrativa de experiência pessoal é a mina de ouro que o pesquisador-sociolinguista procura”. A partir das histórias compartilhadas pelos entrevistados, é possível explorar como as relações com a língua alemã são construídas, negociadas e reinterpretadas ao longo do tempo e das gerações.

O artigo está organizado em quatro momentos distintos. O primeiro objetiva introduzir o tema da imigração alemã em Niterói a fim de contextualizar o cenário histórico e sociocultural que serve como pano de fundo para a pesquisa. O segundo momento trará uma discussão sobre o conceito de representação linguística, que é o alicerce teórico selecionado para a discussão dos dados mostrados aqui. Logo após, apresentaremos a metodologia utilizada na pesquisa, com destaque para o caráter qualitativo e a aplicação de entrevistas semiestruturadas como instrumento de coleta de dados. Por fim, o quarto momento foca na análise e discussão dos dados, trazendo trechos das entrevistas que ilustram como os descendentes de alemães em Niterói percebem a língua alemã e seu papel na formação de suas identidades.

2 Contexto sócio-histórico

Geralmente, quando se pensa em imigração alemã no Brasil, faz-se referência às grandes comunidades desses europeus que se instalaram nos estados do Sul do país, como Blumenau, Joinville, Nova Hamburgo etc. Sabemos, no entanto, que diversas áreas brasileiras receberam imigrantes alemães. A esse respeito nos mostram Silva & Mello (2010, p. 418).

Embora concentrados em maior número nas regiões sulinas, os imigrantes e seus remanescentes encontram-se espalhados por todo território brasileiro. Junto trouxeram suas línguas de origem, seus hábitos, seus costumes, sua cultura, imprimindo uma nova fisionomia à sociedade e à cultura nacional.

O estado do Rio de Janeiro, incluindo o município de Niterói, recebeu um número expressivo desses indivíduos¹, cuja presença marcou diversos aspectos da vida econômica e cultural fluminense.

Ao tratar desta de fluxo migratório, Michahelles (2002) esclarece que, nos centros urbanos do Rio de Janeiro, as comunidades alemãs eram muito reduzidas numericamente se comparadas com aquelas que foram formadas no interior. A autora informa que, em 1860, a população alemã era de cerca de 2600 pessoas, já em 1920, o número chegou a 5000. Nesta década, as chegadas de imigrantes alemães aumentaram significativamente. Por outro lado, diversos desses europeus, por vários motivos, decidiram regressar à sua terra natal. Havia aqueles que planejaram fazer fortuna aqui e voltar à Alemanha e os que planejaram viver definitivamente no Brasil.

A imigração alemã para o Brasil no século XIX foi impulsionada pelas políticas governamentais que visavam o povoamento de áreas pouco habitadas e o desenvolvimento da agricultura, promovendo a ocupação organizada e o fortalecimento econômico dessas regiões. Michahelles (2002, p. 1) acrescenta que os imigrantes alemães foram “atraídos pelas possibilidades de desenvolver atividades comerciais em decorrência da abertura dos portos”. Bezerra (2015) nos lembra que a situação econômica² era muito difícil na Alemanha³ em decorrência do fim das guerras napoleônicas. As próprias autoridades europeias encorajaram a emigração com a finalidade de diminuir as responsabilidades sociais e econômicas que pesavam sobre elas (p. 19). Os que vieram no começo do século XX ainda foram motivados pelas negativas consequências da 1ª Guerra Mundial. No Rio de Janeiro, os alemães desembarcaram em diferentes momentos do século referido. O município de Petrópolis, por exemplo, idealizado por D. Pedro II e fundado em 1843, pôde contar com a presença e influência dos imigrantes alemães em sua construção e urbanização. Savedra e Mazzelli (2020, p. 107) mencionam que “o município de Petrópolis situado a 59 km da capital Rio de Janeiro é conhecido como a cidade Imperial e por muitos também chamada de a *Versailles Brasileira*”. Destaca-se também Nova Friburgo, que começou como colônia suíça em 1819, mas que foi abrigo de alemães nos anos subsequentes.

Em se tratando especificamente de Niterói, alvo da nossa investigação, é correto afirmar que, devido à proximidade com a cidade do Rio de Janeiro (que foi capital do país até 1960), foi um lugar interessante e estratégico não só para os imigrantes alemães, mas também para os italianos e portugueses. A vinda desses sujeitos a Niterói geralmente está associada à busca por oportunidades econômicas, com destaque às áreas urbanas e periurbanas. Além disso, diversos visitantes à cidade do Rio de Janeiro cruzavam a baía de Guanabara simplesmente para conhecer Niterói. Isto inclui a nobre viagem de D. João VI, que se hospedou em São Domingos para lidar com o luto da morte de sua mãe (Bezerra, 2015).

¹ Os primeiros que desembarcaram na então província do Rio de Janeiro foram, na verdade, os suíços, que chegaram entre 1819 e 1820. Eles se acomodaram no município de Nova Friburgo como consequências de atos políticos assinados por D. João VI em 1818 (Bezerra, 2015, p. 20)

² Importante mencionar que as adversidades financeiras vividas na Europa no século XIX foram lembradas em algumas de nossas entrevistas quando os informantes nos explicavam os motivos da imigração de seus antecessores.

³ A unificação alemã foi um processo histórico ocorrido na segunda metade do século XIX, com seu marco final em 1871. Apesar de a Alemanha como estado-nação ainda não existir antes disso, utilizamos o termo “Alemanha” de forma anacrônica para fins de comunicação e referência a territórios e povos que posteriormente compuseram o país unificado.

O perfil profissional desses imigrantes que se instalaram no estado do Rio de Janeiro era frequentemente de artesãos, comerciantes, operários qualificados. Sobre este último afirma Michahelles (2002, p. 1): “a imigração se caracterizou por uma política específica, dirigida para a captação de famílias formadas principalmente por agricultores”. Na comunidade alemã também havia negociantes ligados ao ramo da exportação e importação. O Brasil consumia muitos produtos europeus como vinho, azeite, queijo, além de manufaturados como a seda e a lã, ferramentas, roupas de luxo, móveis, entre outros. Savedra e Mazzelli (2020) apontam a participação de alemães na construção civil “construíram estradas e limparam o terreno para construir casas e plantar hortas; trabalharam também nas obras públicas” (p. 108). A atuação desses alemães contribuiu diretamente para o desenvolvimento econômico do município. Sobre esse tema, nos esclarece Bezerra (2015, p. 22):

Vale a pena esclarecer, todavia, que os primeiros imigrantes alemães a chegarem ao Brasil não foram colonos, mas indivíduos que se instalaram na cidade do Rio de Janeiro como comerciantes e artífices, atraídos pelas perspectivas econômicas advindas da abertura dos portos, em 1808. Assim, desde o início do século XIX, já era possível encontrar mais de vinte empresas alemãs na cidade do Rio de Janeiro. E, embora estes imigrantes não fossem expressivos em termos numéricos, fundaram, em 1821, a primeira associação germânica do país: a Gesellschaft Germania.

No campo religioso, os alemães protestantes se reuniam para suas práticas de culto, nas quais coexistiam harmonicamente as orientações luterana e calvinista. Bezerra (2015) destaca os desafios enfrentados por esses imigrantes na prática de sua fé, em função das “limitações impostas pelo texto constitucional de 1824” (p. 26). Essa legislação permitia a liberdade de culto, mas restringia as manifestações religiosas não católicas a espaços privados, proibindo a construção de templos visíveis ou qualquer forma exterior de expressão religiosa.

Durante o Estado Novo, o presidente Getúlio Vargas implementou políticas nacionalistas que restringiram o uso de línguas de imigração, incluindo o alemão, e limitaram práticas culturais estrangeiras. A campanha de abrasileiramento visava integrar os imigrantes que haviam se estabelecido permanentemente no Brasil. Entre suas ações, destacaram-se o fechamento de escolas com currículo estrangeiro e a supressão de publicações na língua materna, como jornais e revistas, enfraquecendo significativamente as expressões culturais das comunidades imigrantes (Lang, 2002).

Devido o advento do regime nazista na Alemanha, os imigrantes deste país experimentaram ondas de discriminação e até perseguições violentas. “Em Niterói, assim como em boa parte do país, tal campanha teve graves consequências, pois o governo obteve apoio popular na repressão aos imigrantes” (Lang, 2002, p. 261). Tal repressão repercutiu diretamente na manutenção da identidade germânica em Niterói e contribuiu para o aprofundamento do fenômeno psicológico conhecido como assimilação. Lembremos que havia, no município, uma escola alemã (localizada no centro da cidade). A instituição precisou fechar as portas em 1942 devido às políticas mencionadas, além do pressão popular relacionada ao clima de guerra existente que se direcionava em forma de hostilidade contra tudo que fosse associado à Alemanha.

Para encerrar esta seção, apresentamos uma fotografia que foi exibida no evento “Imigração alemã no Rio de Janeiro” que ocorreu em 9 de novembro de 2024 no Museu da Imigração da Ilha das Flores, celebrando os 200 anos da imigração alemã no Brasil. Tal evento foi vinculado à UERJ e teve como objetivo principal a divulgação da comunidade alemã no

Estado citado. Na imagem, podemos ver um ponto de entrada no Rio de Janeiro para os imigrantes. O cartaz a seguir escrito em português, alemão e línguas eslavas, transmite uma breve mensagem de acolhimento aos recém-chegados ao Brasil. A multiculturalidade e o multilinguismo chamam a atenção, assim como as poucas bagagens que, às vezes, as famílias traziam em busca de uma vida melhor.

Imagem 1 – Chegada e acolhimento aos imigrantes alemães



Fonte: <https://www.pmsg.rj.gov.br/sao-goncalo-recebe-exposicao-imigracao-alema-no-rio-de-janeiro/>

3 Representação linguística

Nesta seção, objetivamos levantar um breve debate acerca do conceito de representação linguística, utilizado em pesquisas sociolinguísticas desde a década de 1960, mesmo que com nomes diferentes. O que diremos a esse respeito não limita ou esgota o que o tema pode gerar. Tampouco ofereceremos uma definição única ou definitiva. Não pretendemos estabelecer “a” maneira correta de abordar a representação linguística, mas, sim, contribuir com reflexões que iluminem suas múltiplas facetas e promovam novos diálogos sobre essa questão complexa e interdisciplinar.

“Representação” é um termo que abre múltiplos caminhos interpretativos. Em seu sentido mais amplo, refere-se ao ato de tornar algo presente por meio de um símbolo, imagem, descrição ou substituto. O dicionário online de língua portuguesa Priberam⁴ define essa palavra, entre outras acepções, como “exposição, exibição” e “exposição verbal ou escrita do

⁴ <https://dicionario.priberam.org>

que temos na mente”. Já o Dicionário online de português⁵, traz as definições “ato ou efeito de representar, de mostrar com clareza” e também “conceito, ideia ou imagem que criamos do mundo ou de alguma coisa”.

No campo dos estudos sociolinguísticos, a concepção de representação linguística passou a ser empregada para descrever a maneira como línguas, variedades e práticas linguísticas são percebidas, descritas e simbolizadas em contextos sociais, culturais e políticos. Digno de nota é o fato de que o uso do termo “representação” foi emprestado das ciências sociais, em especial da antropologia e psicologia social (Gueunier, 2003; Calvet, 2006). Partindo do entendimento de que os falantes possuem algum tipo de relação com as línguas/variedades com que já tiveram contato, este conceito desempenha um papel crucial na análise e compreensão das identidades individuais e coletivas, evidenciando as interseções entre linguagem, sociedade e cultura.

Petitjean (2008) trata desta temática de modo cuidadoso ao lidar com variedades linguísticas da língua francesa. A pesquisadora investigou como os falantes percebem e avaliam variações linguísticas regionais, destacando os aspectos simbólicos e sociais atribuídos a essas características de fala. Já na sua tese de doutorado, Petitjean (2009) discute amplamente o conceito de representação linguística no campo da sociolinguística, explorando tanto seus fundamentos teóricos quanto metodológicos. Ao longo do trabalho, a autora apresenta reflexões relevantes sobre o tema, oferecendo uma base sólida para embasar nosso próprio debate.

De acordo com a autora, o surgimento, desenvolvimento e uso do presente conceito passou por três períodos que se solidificaram gradualmente. A **primeira fase**, dentre as décadas 1960 a 1980, é caracterizada pelo advento das ideias incipientes à representação. Em outros termos, a representação linguística ainda não era um conceito claramente definido, mas já aparecia de forma implícita nos estudos sociolinguísticos. Petitjean (2008) traz como exemplo o trabalho de Trugdill (1974) no qual trouxe a noção de *opinião dos falantes*⁶, sentimentos linguísticos (Bernstein, 1971), e o conceito de insegurança linguística (Labov, 1966). Neste período, a maneira como os falantes pensam suas práticas linguísticas começa a ganhar atenção e forma na literatura, embora os trabalhos não se preocupassem com o refinamento de uma sólida definição acadêmica para o fenômeno citado. É por isso que no período referido encontram-se diversos termos como atitude, visão, imagem, ideologia, valor afetivo, entre outros, os quais foram revisitados e conceituados nas décadas seguintes. Pereira e Costa (2012) abordam esse período e explicam que:

Os estudos que levam em conta indivíduos, línguas e seu uso tiveram início nos anos de 1960, sob a ótica da atitude linguística. Esta é definida como uma disposição a reagir de maneira favorável ou não a um dado objeto, no caso, a uma língua. Especialistas em aprendizagem têm a representação como um conceito fundamental e, por isso, aprofundam esta noção para uma perspectiva didática. O fato é que a noção de representação está cada vez mais ligada aos estudos linguísticos, tratando da representação que os locutores fazem acerca das línguas, de suas normas, de suas características, ou de seus status face às outras línguas, influenciando as estratégias que envolvem o uso e o aprendizado (Pereira; Costa, 2012, p. 173).

⁵ <https://www.dicio.com.br/representacao/>

⁶ No texto em francês, a autora usa o termo “*l’opinion des locuteurs*”.

A segunda fase, a partir da década de 1980, é fortemente marcada pelo levantamento de questões/reflexões metodológicas. Pode-se citar os trabalhos de Tabouret-Keller (1981) e Houdebine (1982) que refletem um grande avanço no refinamento nos métodos de análise. A partir de 1990, temos a última fase na qual ocorreu um amadurecimento tanto da noção quanto o uso da representação linguística, além da apropriação do emprego do termo em si. Para ilustrar esse terceiro momento, podemos citar a contribuição de Calvet (1998). Para este sociolinguista, ao lado das representações está a maneira como os falantes refletem sobre os usos linguísticos, posicionam-se em relação a outros falantes e práticas linguísticas, e como percebem sua própria língua em comparação com outras línguas presentes em seu contexto social.

Existe uma próxima relação entre o conceito de representação⁷ linguística e a psicologia social. Este ramo da ciência psicológica, segundo Petitjean (2008) busca compreender como o indivíduo está inserido e atua no social, e, reciprocamente, como o social estrutura o indivíduo. Ora, essa definição dialoga bastante com a própria definição de sociolinguística – um ramo da linguística que estuda a relação entre língua e contexto social incluindo as formas como aquela varia e muda. Dentro da psicologia social, o conceito de representação social desempenhou um papel central e trata de como os indivíduos e grupos constroem e compartilham significados sobre o mundo social. A representação social é elaborada através da comunicação, da construção da realidade e integração e controle dos atores sobre seu ambiente. Nas palavras de Petitjean (2008) “a representação social estabelece, portanto, uma relação entre um sujeito e um objeto social” (p. 31) e “uma representação é qualificada como social na medida em que se desenvolve a partir de processos de trocas e interações, permitindo a constituição de conhecimentos comum a um grupo” (p. 31).

O diálogo bem estruturado entra a psicologia social e a sociolinguística nos leva a recordar a interdisciplinaridade de nossa ciência, estabelecida desde seus mais antigos estudos labovianos. Essa relação transdisciplinar faz com que observemos a representação linguística de maneira dupla: por um lado, a representação social da língua e, por outro, a representação na língua. As representações social e linguística, embora provenham de campos de estudos diferentes, se conectam intensamente ao investigarem como indivíduos/grupos compreendem e simbolizam o mundo à sua volta.

Para compreender como as representações linguísticas se formam é fundamental considerar que elas não são baseadas em conhecimentos científicos. Elas podem ser mais bem descritas como construções sociais compartilhadas.

Uma representação linguística seria um conjunto de conhecimentos não científicos, socialmente elaborados e partilhados, de natureza fundamentalmente interativa e discursiva, com um grau mais ou menos elevado de julgamento e fixidez, e permitindo ao(s) falante(s) desenvolver(em) uma construção comum de realidade linguística, isto é, a(s) língua(s) da comunidade ou a(s) língua(s) das comunidades exógenas, e gerir as suas atividades linguísticas dentro desta interpretação comum da realidade linguística⁸. (Petitjean, 2008, p. 33)

⁷ Segundo Gueunier (2003) o termo “representação” foi emprestado das ciências sociais.

⁸ Une représentation linguistique serait un ensemble de connaissances non scientifiques, socialement élaborées et partagées, fondamentalement interactives et de nature discursive, disposant d'un degré plus ou moins élevé de jugement et de figement, et permettant au(x) locuteur(s) d'élaborer une construction commune de la réalité linguistique, c'est-à-dire de la ou des langues de la communauté ou de la ou des langues des communautés exogènes, et de gérer leurs activités langagières au sein de cette interprétation commune de la réalité linguistique.

Gueunier (2003) não discorda da opinião apresentada acima e afirma que uma representação é aquilo que difere do conhecimento conceitualizado. A autora ressalta que esse termo se relaciona a outros conceitos sociais como crença, preconceito, ideologia e atitude. Em uma primeira leitura, essas noções podem parecer bastante parecidas e até mesmo trazer alguma confusão. Para ilustrar essa diferenciação, a autora apresenta critérios claros para distinguir *atitude linguística* de *representação*. Dois parâmetros básicos são apontados: a **discursividade** e a **figuratividade**. O primeiro parâmetro indica que a atitude motiva diretamente um comportamento observável, enquanto a representação “só é acessível por meio do discurso que a formula” (p. 42). Em outras palavras, a representação é identificada pela observação discursiva dos falantes. A pesquisadora apresenta um exemplo claro de como tais ideias podem ser discernidas:

Por exemplo, atualmente, os pais franceses geralmente preferem que seus filhos aprendam inglês como segundo idioma em vez de outros idiomas vivos, europeus ou não. Essa atitude pode ser medida de acordo com seu comportamento na escolha que fazem entre os vários idiomas propostos pela escola. Mas as representações subjacentes a essas atitudes só podem ser descobertas a partir de seu discurso, que pode ser mais ou menos restrito (respostas a questionários) ou livre (conversas comuns), no qual elas são expressas: “O inglês é mais falado do que o alemão/italiano”, “é o idioma mais útil”, “é fácil de aprender”, “não tem gramática” etc⁹. (Gueunier, 2003, p. 42)

Ao se concentrar na ideia de figuratividade, Gueunier (2003) nos mostra que as atitudes podem ser avaliadas quantitativamente, isto é, com informações numéricas. Isto pode ser realizado comparando o comportamento linguístico de um falante em situações comunicativas distintas ou com métodos como testes e questionários. Por outro lado, as representações linguísticas, que são mais subjetivas, podem ser medidas qualitativamente através da busca por conteúdos simbólicos e discursivos nas percepções linguísticas. A pesquisadora ainda traz exemplos de certas imagens/metáforas usados na sociedade para representar ideias. No texto, Gueunier menciona a “limpeza nas roupas” que, em alguns contextos, pode ser simbolicamente associada à ideia de brancura. Semelhantemente, a ortografia padrão (no caso, a francesa) é tradicionalmente vinculada a imagens de clareza e pureza, como se de fato houvesse uma maneira superior de escrita. Esse exemplo nos desafia a pensar como uma representação social/linguística não é apenas uma ideia isolada, mas algo que compartilha fronteiras com outras representações.

Pereira e Costa (2012, p. 175) propõem explicar a diferença entre atitude e representação. Para as autoras, a atitude linguística reflete a atitude social dos indivíduos, sendo caracterizada por se concentrar e se referir tanto à língua em si quanto à forma como ela é utilizada no contexto social. Por outro lado, ao explicarem o que é representação, elas afirmam que “dizem respeito ao modo com que os falantes pensam as suas práticas, como eles se situam em relação aos demais”.

⁹ For instance, French parents generally, at present, prefer their children to learn English as a second language rather than other living languages, European or otherwise. This attitude can be measured according to their behavior in the choice they make between the various languages proposed by the school. But the representations underlying these attitudes can only be discovered from their discourse, which may be more or less constrained (replies to questionnaires) or free (ordinary conversations) in which they are expressed: “English is more widely spoken than German/Italian,” “it is the most useful language,” “it is easy to learn,” “it has no grammar,” etc.

Na França, as representações linguísticas parecem estar profundamente conectadas à escrita, em especial à ortografia, em detrimento dos aspectos orais da língua. Essa percepção cultural dá uma importância maior à correção na escrita e na leitura, enquanto aspectos como sotaque ou dificuldades na expressão oral são considerados menos graves. Gueunier (2003) apresenta este exemplo de como a representação linguística ocorre empiricamente:

Para a pergunta “o que são palavras?” A.L., de 11 anos, que acabou de entrar na sexta série, responde: “grupos de letras que significam algo”. Para mim, isso confirma como a consideração das representações linguísticas na França, mais do que em outros países europeus, está ligada à ortografia em detrimento dos elementos fônicos. “Ter um sotaque” e “não saber como se expressar em público” são certamente percebidos como desvantagens, mas muito mais leves do que aquelas relacionadas à leitura e à escrita. Elas podem ser reconhecidas sem vergonha, com a sensação de que são principalmente um constrangimento na vida pública e profissional, enquanto o analfabetismo (não incomum em culturas escritas) e até mesmo a mera dificuldade de ortografia serão sistematicamente mantidos ocultos do reconhecimento público. (Gueunier, 2003, p. 43)

Gueunier (2003) também destaca como as representações sociais associadas ao latim em contextos europeus vão além de justificativas puramente linguísticas, enraizando-se em construções identitárias e sociais. “French comes from Latin” (p. 45) é uma sentença bastante usada para apresentar uma boa justificativa para a centralidade do latim na educação (pelo menos em décadas atrás), no entanto a autora adverte para o fato de que “tais representações, associadas ao latim, têm uma relação tanto na identidade europeia quanto na românica, e na identidade social” (p. 45). O conhecimento desta língua (que simbolizou poder e prestígio) parece, ainda, ser um elemento importante na formação escolar das elites, de acordo com Gueunier.

4 Procedimentos metodológicos

Neste trabalho¹⁰, adotamos uma perspectiva qualitativa para observar e compreender os fenômenos sociolinguísticos relacionados ao conceito de representação. Tal perspectiva se justifica porque o conceito referido envolve subjetividades, valores e percepções coletivas e individuais. Também, a pesquisa qualitativa se nos mostrou adequada porque lidamos com aspectos históricos, sociais e culturais moldam as representações. Assim, este tipo de abordagem nos permite entender essa complexidade, explorando as perspectivas dos participantes em profundidade.

No que tange à coleta de dados, utilizamos a técnica de entrevista sociolinguística. As entrevistas foram realizadas de maneira semiestruturada, o que nos permitiu explorar os tópicos abordados no projeto e, ao mesmo tempo, explorar mais profundamente temas que surgissem durante a conversa (o que, de fato, ocorreu). Essa flexibilidade foi importante para deixar os participantes relatarem suas experiências pessoais. As entrevistas nos possibilitaram ter foco no entrevistado e em suas relações com a língua e cultura alemã. Consideramos essa técnica pertinente a esse tipo de pesquisa, pois pudemos levantar informações espontâneas que não teriam sido identificados através de formulários. Como pesquisadores, atuamos de

¹⁰ Nossa pesquisa foi devidamente aprovada pelo Comitê de Ética – CAAE 72865923.7.0000.8160

modo responsável e crítico, tentando sempre deixar os informantes o mais confortáveis possível. Tal técnica tem sido usada, de maneira bastante ampla, em pesquisas sociolinguísticas.

Todas as entrevistas foram gravadas com a devida permissão dos participantes. Importante ressaltar que algumas entrevistas ocorreram na modalidade online e outras, presencialmente.

No total, doze descendentes foram entrevistados. Nossa primeira ideia era de abarcar um grupo maior de entrevistados, contudo não foi muito fácil encontrar indivíduos que preenchessem os critérios necessários (ser descendente de alemão e ser morador do município de Niterói). Vale destacar que as experiências dos entrevistados em relação à cultura e à língua alemã são muito semelhantes às de seus irmãos e irmãs (segundo os relatos coletados), de modo que entrevistar um único membro da família proporcionou uma compreensão provavelmente representativa de todo o núcleo familiar.

A internet foi o principal meio pelo qual encontramos os participantes. Utilizamos as seguintes estratégias: i) fizemos anúncios em comunidades referentes a Niterói no Facebook e postamos a necessidade de encontrar os descendentes em contas do Instagram; ii) levantamos sobrenomes alemães e os buscamos em redes sociais e, a partir daí, fizemos contatos com tais indivíduos; iii) enviamos e-mails para clubes e associações relacionadas a alemães no Brasil e iv) fizemos anúncios em grupos de Whatsapp de moradores em Niterói. A estratégia (i) se mostrou a mais eficaz; os contatos obtidos nos levaram a outros informantes.

As entrevistas ocorreram no segundo semestre de 2024 e, média, duraram 25 minutos. As perguntas foram cuidadosamente elaboradas; incluímos questões referentes à ancestralidade, relação com os parentes alemães, uso do alemão e proficiência da língua, práticas e atitudes linguísticas, bem como relatos de histórias passadas de geração em geração. Ao longo das entrevistas, os participantes também foram incentivados a refletir sobre questões identitárias e intergeracionais ligadas à língua. A fim de proporcionar ao leitor uma compreensão mais abrangente da natureza das perguntas feitas em nossas entrevistas, selecionamos algumas para ilustrar:

Quadro 1 – Exemplos de perguntas empregadas nas entrevistas

“Eu me sinto em casa quando ouço a língua alemã”. Numa escala de 0 a 10, quão verdadeira/significativa é essa frase para você?

Como o alemão influencia na maneira como você se define e se identifica?

Você consome produções culturais da cultura alemão como livros, filmes, séries, festivais?

Você tem alguma história ou experiência interessante para me contar relacionada à cultura ou à língua alemã?

Você mantém algum vínculo com familiares europeus?

Fonte: elaboração dos autores

Após a coleta de dados, iniciamos o processo de transcrição. Utilizamos o “transkriptor”¹¹ (uma ferramenta online) para fazê-lo, o que acelerou significativamente essa etapa. Com as transcrições feitas, o processo de leitura e interpretação dos dados foi iniciado. Discussões adicionais sobre nosso percurso metodológico encontram-se em Savedra *et al.* (2025).

6 O perfil dos entrevistados

De forma geral, os descendentes de alemães entrevistados mantêm uma relação distante com a Alemanha, sua língua e sua cultura. Dentre todos os entrevistados, por exemplo, apenas um fala alemão pelo fato de ter antecessores europeus (o outro caso é de um homem que foi estudar na Suíça, por isso aprendeu a língua). Além da baixa manutenção da língua, há uma notável desconexão entre esses brasileiros e seus familiares na Alemanha. A maioria dos entrevistados não tem contato com familiares na Alemanha ou em outros países europeus de origem, o que contribui para uma menor integração cultural e linguística com a Europa. Alguns informantes revelaram a tentativa de aproximação de alguns familiares brasileiros com os europeus; algumas tentativas foram exitosas e outras não.

Mais da metade dos nossos participantes nunca teve a chance de visitar a Alemanha. Isto reforça a distância linguístico-cultural que percebemos nas entrevistas. No entanto, os informantes apresentaram grande interesse e desejo de conhecer suas raízes europeias. Os motivos apontados por nunca terem ido à Europa foram: não saberem a língua alemã e não terem recurso financeiro para tal empreendimento. O primeiro motivo se mostra interessante para nós pelo fato de representar uma barreira linguística tão forte que desencoraja a ida desses sujeitos à Alemanha. Por não fazerem esta visita, a desconexão cultural é reforçada, certamente. O trecho de uma das entrevistas a seguir ilustra o que afirmamos:

Entrevistador: E você tem algum vínculo ou contato com seus parentes alemães?
Entrevistado 5M: Eu não tenho, porque assim, eu nunca fiz contato com ninguém assim, porque é muito distante, né? Bisavô, né? Eu nunca tive, não.

Entretanto, dos entrevistados que puderam ir ao país referido, destacamos que o motivo da viagem foi relacionado ao fato de descenderem desses europeus, o que revela a importância dada à preservação da memória familiar. Ressaltamos também que, dentre as inúmeras opções de turismo que poderiam ter sido escolhidas, a seleção pela Alemanha mostra uma ligação emocional (o fato de pisar no território em questão já é um ato cheio de simbolismos), como podemos constatar no fragmento a seguir:

Entrevistador: E você já foi à Alemanha?
Entrevistada 2F: Já.
Entrevistador: E por que razão você foi?

¹¹ O Transkriptor é uma ferramenta online que facilita a transcrição automática de áudios e vídeos para texto. Utilizando tecnologias de reconhecimento de fala, o site permite que os usuários façam upload de seus arquivos de áudio ou vídeo, os quais são processados para gerar transcrições precisas em diversas línguas. É uma plataforma bastante conveniente para pesquisadores.

Entrevistada 2F: Para conhecer, porque a Alemanha é um país que chama a minha atenção e por conta dessa história da família também. Foi a primeira viagem internacional com os meus pais e a gente fez questão de passar lá. Acabou que a gente não foi à região da minha família, mas a gente fez questão de ir à Alemanha para a parte da minha mãe e minha tia conhecerem também.

Entrevistador: Mas vocês não conseguiram estabelecer nenhum vínculo com parentes de vocês lá, né?

Entrevistada 2F: Não, mas tem outras pessoas da família que já foram lá, numa cidadezinha bem pequena, e conheceram pessoas da família, foram numa igreja e as pessoas vão vendo os contatos, né?

No que tange à importância dada à preservação das histórias familiares, os entrevistados acreditam firmemente que é crucial transmitir a história e a língua aos membros das futuras gerações. Há uma preocupação significativa em manter viva a memória cultural e garantir que os descendentes futuros conheçam e valorizem suas origens. Alguns participantes lamentaram não terem aprendido a língua alemã com seus avós e mencionaram que seria muito positivo se pudessem estudá-la em algum momento. Outros se dedicaram ao estudo da língua inglesa ao invés de estudar alemão por razões profissionais e oportunidade de ascensão socioeconômica.

7 Explorando a representação linguística: perguntas como ferramentas de análise

A análise das entrevistas seguiu uma perspectiva qualitativa, que se concentra em explorar e entender as perspectivas subjetivas dos entrevistados.

Com o objetivo de investigar como os participantes percebem a relação entre língua e identidade, selecionamos três perguntas-chave (utilizadas nas entrevistas) para explorar o papel da ascendência alemã na formação de sua identidade. As perguntas, escolhidas minuciosamente, servirão como ponto de partida para analisar atitudes, autoidentificações e sentimentos dos falantes em relação às línguas que usam. As perguntas se conectam diretamente às discussões sobre a representação linguística desenvolvidas neste texto. A tabela a seguir mostra de maneira ordenada as perguntas escolhidas ao lado da relação e desdobramento do conceito de representação.

Tabela 1 –

Perguntas selecionadas	Relação com representação linguística
Como o alemão influencia na maneira como você se define e se identifica?	<i>Influência das línguas na definição e identidade pessoal</i>
Você se considera um brasileiro/alemão?	<i>Autoidentificação como brasileiro/alemão</i>
“Eu me sinto em casa quando ouço a língua alemã”. Numa escala de 0 a 10, quão verdadeira/significativa é essa frase para você?	<i>Sentimento de pertencimento e conexão com a língua e cultura alemã</i>

Fonte: elaboração dos autores.

7.1 Influência das línguas na definição e identidade pessoal

Ao introduzirmos a pergunta “Como o alemão influencia na maneira como você se define e se identifica?” tivemos o objetivo entender de que maneira os informantes percebem a influência da língua alemã na construção de suas identidades pessoais e sociais. As respostas a esse tipo de questão abrem espaço para observar se o alemão é visto como um elemento central na definição de quem eles são ou pelo menos representa uma parte de sua identidade cultural.

De modo geral, os descendentes em Niterói demonstram uma relação ambivalente com a língua e a cultura alemã. Embora haja interesse em se conectar a esse legado, segundo as entrevistas, a influência do alemão na construção identitária muitas vezes aparece de forma indireta, mediada por valores culturais e práticas transmitidos pela família. Na maioria dos casos, o alemão já não é mais falado nos ambientes familiares, mas é percebido como uma herança cultural específica. Esta afirmação está apoiada pelo “sentimento de orgulho” que percebemos durante as narrativas ouvidas. Sendo assim, esta língua representa um componente importante (porém não exclusivo) na construção da identidade desses descendentes. Utilizando a imagem de um mosaico, o alemão seria uma peça.

O relato do entrevistado 1M, cujo fragmento está apresentado a seguir, é revelador no sentido que destaca a influência cultural alemã naquela família em particular. As práticas de leitura (em mais de uma língua), o desenvolvimento de habilidades práticas, a busca e apreço pelo conhecimento científico são percebidas pelo informante como transmissão direta de seus antecessores alemães. Na visão do informante, o gosto pelos estudos foi passado por esses familiares. Neste caso língua/cultura alemã influencia a visão de mundo através de um conjunto de valores transmitidos pela família.

Uma outra reflexão a ser feita é que a influência linguística e cultural dos antecessores alemães vai além da “necessidade de falar alemão”, antes é percebido em relatos como esse apresentado. A prática de leitura em múltiplas línguas, por exemplo, não apenas demonstra um legado cultural, mas também simboliza um capital cultural que reforça a percepção de pertencimento a um grupo diferenciado. Em outros termos, a língua alemã pode exercer um grande poder simbólico, mesmo não sendo falada no cotidiano dos descendentes.

Entrevistador: E como o alemão, essa cultura, essa ascendência, influencia na maneira como você se define e se identifica hoje?

Informante 1M: Eu não sei até que ponto isso pode influenciar na minha vida e tudo mais, mas uma coisa que eu sempre entendi, que eu via como por exemplos dentro da família do meu pai, que todos tinham muito conteúdo, muito estudo científico. Meu avô, por exemplo, ele lia muita coisa em alemão, em inglês, português e passou isso para os filhos. Então, nós temos um desenvolvimento metodológico, científico muito grande, que nos trouxe a capacidade de desenvolvimento de estudo, de fazer várias coisas que não são comuns de se fazer. Por exemplo, desde consertar carro, a eletrodoméstico, a fazer obras de alvenaria, essas coisas que hoje em dia não são comuns.

O informante 3M traz um ponto de vista diferente e mais abrangente comparado ao informante 1M no quesito construção de identidade. 3M adota uma maneira de incluir outras etnias/culturas na descrição de sua identidade e destaca a generosa receptividade do Brasil em relação aos povos estrangeiros que aqui vêm buscar moradia. Tal abordagem é revela-

dora porque dialoga intensamente com as falas sobre construção de identidade trazidas por Hall (1992), Jenkins (2006), Edwards (2009) e reforçada por Macedo (2024). De acordo com os autores, a identidade é um processo dinâmico, em constante construção. Os autores se afastam da ideia de que a identidade é entidade fixa, moldada pela história. O informante destaca essa característica ao reinterpretar sua identidade em um contexto multicultural, o que faz bastante sentido em um país como o Brasil devido sua combinação de muitas culturas ao longo da história.

Para o participante 3M, a herança cultural alemã tem o seu papel e seu valor em sua individualidade, que está acompanhada de outras influências. Notemos, por exemplo, a menção aos escoceses e libaneses, que indicam a preferência do informante por uma narrativa que privilegia a pluralidade e não o protagonismo alemão. Uma reflexão mais cuidadosa do fragmento a seguir pode nos levar a conceber o papel da língua alemã como simbólico e não necessariamente funcional ou central na prática cotidiana dos indivíduos.

Entrevistador: E o fato de você ser um descendente alemão influencia na maneira como você se define e como você se identifica hoje?

Informante 3M: Então, se a gente parar para pensar, a curto prazo, eu vim ali dos alemães. Se a gente buscar mais informações ou abrir a árvore, pai e mãe, a gente tem pai vindo da Alemanha e mãe diretamente vindo da Escócia, escocês. Então, você começa a misturar. Isso é que eu sinto no Brasil. Mistura de raças, e tanto é que é um país que é muito receptivo para qualquer cultura, língua, seja judeu, seja árabe, seja libanês, como a gente está recebendo agora, é um país maravilhoso nesse sentido não faz acepção de pessoas.

Outros informantes não se posicionaram de maneira tão plural e optaram pelo destaque da cultura e língua alemã em suas famílias, o que nos indica, mais uma vez que a construção da identidade é um fenômeno relativo, diverso e variado.

7.2 Autoidentificação como brasileiro/alemão

Quando perguntamos aos participantes se eles se consideravam brasileiros/alemães buscávamos investigar possíveis casos de identidades múltiplas e/ou híbridas. Consideramos parte da exploração à representação linguística (e social, neste caso) saber se os indivíduos se veem integrantes de uma identidade “transnacional” e como a veiculam através de práticas linguísticas.

Entrevistador: E você se considera um brasileiro/alemão?

Entrevistado 1M: Não. Eu sou um brasileiro nato. Ou seja, eu sou miscigenado. Eu tenho alemão, eu tenho indígena, eu tenho português. Devo ter algum traço de negro também. (...) Eu acho que todos os brasileiros, a maior parte deles, todos não, mas a maior parte dos brasileiros são miscigenados.

Entrevistador: O senhor se considera um brasileiro/alemão?

Entrevistado 2M: Não. Não porque não tenho muito vínculo. Hoje eu me considero brasileiro/português, porque eu consegui a cidadania portuguesa e tenho realmente muito mais vínculo com Portugal do que com a Alemanha. Mas eu sempre tive muita admiração pela Alemanha, pelo povo alemão, pela história.

Notamos que a fala do informante 1M evidencia uma visão essencialista de identidade nacional, na qual ser brasileiro é, para ele, sinônimo de miscigenação e integração cultural, em oposição à ideia de uma identidade dual ou transnacional. Ele rejeita a possibilidade de se identificar como brasileiro e alemão simultaneamente, destacando que sua identidade é moldada por múltiplas origens (alemã, indígena, portuguesa e possivelmente africana), mas sem reivindicar uma conexão específica e ativa com nenhuma delas. Mais uma vez, a identidade é vista como uma entidade fluida e divisível.

Como visto no trecho acima, o informante M2 prefere não se identificar como um brasileiro/alemão. O motivo é a ausência de vínculos tanto com seus familiares alemães quanto ao não uso (e conhecimento) da língua referida. No caso deste participante especificamente, os laços com o passado português são mais evidentes, reforçado pela obtenção da cidadania portuguesa. A resposta reflete como laços culturais (e também “administrativos” - como a cidadania - podem influenciar fortemente a percepção de identidade social. Para M2, a conexão com a Alemanha é mais admirativa e histórica, enquanto a com Portugal é mais concreta e atual, baseada em vínculos reais e tangíveis. É fundamental lembrar aqui que Niterói também recebeu um alto número de imigrantes portugueses, cuja presença influenciou significativamente a composição cultural e social da cidade, convivendo com as comunidades alemãs.

À luz de Petitjean (2009), podemos compreender que as respostas dos entrevistados não expressam apenas uma autoavaliação identitária, mas constituem representações sociais que organizam como cada indivíduo se posiciona em relação às origens familiares, às línguas associadas a essa herança e aos grupos culturais envolvidos. Para a autora, representações linguísticas e identitárias se constroem socialmente e se atualizam no discurso, funcionando como formas de classificação simbólica do mundo social.

7.3 Sentimento de pertencimento e conexão com a língua e cultura alemã

Através da terceira pergunta selecionada (“‘Eu me sinto em casa quando ouço a língua alemã’. Numa escala de 0 a 10, quão verdadeira/significativa é essa frase para você?”), almejamos conhecer a relação emocional dos entrevistados com a língua alemã. A escala utilizada foi uma maneira de quantificar a intensidade da conexão emocional que os entrevistados podem ter com a língua alemã, permitindo uma análise mais ou menos precisa das percepções individuais sobre seu significado cultural e identitário. Ao usar a escala de 0 a 10, buscamos obter uma medida que vai desde uma total desconexão (0) até uma forte identificação emocional com a língua (10). Desta maneira, pudemos estudar não apenas a ausência ou presença de uma carga emocional, mas explorar as nuances dessa relação. Além disso, muitos entrevistados, além da nota introduziram um “porque”.

Entrevistador: Eu me sinto em casa quando ouço a língua alemã/inglesa. Numa escala de 0 a 10, quão verdadeira/significativa é essa frase para você?

Entrevistado 2M: Não, falso.

Entrevistador: Numa escala de 0 a 10, quão verdadeira/significativa é essa frase para você?

Entrevistada 1F: Eu acho que 0 ou no máximo 1.

Entrevistador: (nome do entrevistado), eu vou te falar uma frase e aí você me diz, numa escala de 0 a 10, quão verdadeira ou quão significativa é essa frase pra você, tá bom?

Entrevistado 3M: É dois. Primeiro, porque você não está entendendo o que está sendo dito. Então, você é um estranho ali. Se fosse algo familiar, eu diria 10, porque você está compreendendo aquela língua e você pode replicar, você pode ter uma comunicação efetiva ali, né?

Observamos um padrão de distanciamento emocional dos entrevistados em relação à língua alemã através das notas baixas dadas nas respostas. O informante 2M ao responder simplesmente com a palavra “não” enfatiza sua ausência de identificação com a língua em questão. De maneira semelhante, a entrevistada 1F atribui nota 0 ou 1, o que reforça essa desconexão quase absoluta. O participante 3M atribui uma nota baixa que pode ser explicada pela barreira linguística; ele utilizou a palavra “estranho” que é bastante reveladora neste contexto. A representação do alemão é mediada pelo critério da compreensão, ou seja, familiaridade cognitiva. Para o informante, “sentir-se em casa” está relacionado ao fato de poder participar do mundo social da língua; isso se ancora nos pressupostos de Petitjean (2009), que afirma que a representação linguística é apoiada em relações de proximidade e prática.

Os dados revelam uma correlação direta entre a dificuldade em compreender o alemão e a falta de identificação com a língua. Para os participantes, a capacidade de usar a língua no dia a dia é fundamental para se sentir parte de uma cultura. A ausência dessa conexão prática reforça a percepção de que o alemão é “uma peça no mosaico identitário” e não um componente central ou de destaque.

Segundo Petitjean (2009), as representações linguísticas não descrevem a língua em si, mas refletem a forma como os sujeitos significam socialmente essa língua, situando-se na interseção entre memória, afetos, valores e identidades. Quando examinamos as respostas dos entrevistados, fica claro que o alemão não aparece como um simples código linguístico, mas como um objeto simbólico, cuja representação está associada a pertencimento e familiaridade. Em outros termos, embora os informantes não saibam a língua alemã, esta faz parte do conjunto complexo de suas representatividades sociais.

A não familiaridade com a língua alemã não equivale, com base no que já apresentamos até aqui, uma completa desconexão ou ruptura com a ancestralidade e preservação da memória familiar dos nossos informantes. A língua, inevitavelmente, atua como um fator poderoso de fazer com essas pessoas se sintam parte (ou não) de um outra cultura, entretanto, mesmo sem saber tal língua, os descendentes de Niterói demonstram grande valorização e respeito por sua história.

8 Considerações finais

Neste artigo, abordamos a questão da representatividade linguística em um contexto específico: os descendentes de alemães no município de Niterói, Rio de Janeiro. Discutimos a relevância da imigração alemã para o Brasil e argumentamos que, embora numericamente menos expressiva em comparação a outras regiões do país, a presença desses imigrantes na cidade deixou marcas, contribuindo para a formação do patrimônio cultural e linguístico local.

Apresentamos e discutimos o conceito de representatividade linguística com base nos trabalhos de Petitjean (2008; 2009) e Gueunier (2003), analisando sua construção teórica ao longo do tempo e destacando sua importância para a compreensão das relações entre língua, representação e práticas sociais. No que tange à coleta de dados, realizamos uma série de entrevistas sociolinguísticas com descendentes de alemães, analisando como eles constroem suas identidades sociais com base em sua ancestralidade linguística. Essas interações permitiram explorar as percepções, atitudes e práticas relacionadas à língua, destacando como a herança cultural e linguística influencia suas representações identitárias. Incluímos um breve seção comentando o perfil sociolinguístico e cultural dos entrevistados. A parte final, uma análise das respostas a três perguntas utilizadas nas entrevistas, revelou como as narrativas construídas em torno da língua alemã são permeadas por um entrelaçamento de fatores históricos, culturais e sociais. Embora a presença da comunidade alemã em Niterói não seja tão amplamente documentada nem tenha produzido impactos estruturais duradouros, como ocorreu em estados do Sul do Brasil, as referências à origem e à língua alemãs foram mobilizadas discursivamente pelos entrevistados no plano da memória e da identificação simbólica.

Ainda que tenhamos um foco linguístico, nosso estudo é capaz de dialogar com outros trabalhos realizados por pesquisadores não apenas da sociolinguística, mas de outras ciências, como a história, sociologia e antropologia, que têm interesse em explorar a relação entre língua, identidade e memória cultural em contextos de imigração.

Nossa pesquisa se destaca pelo fato de (re)contar parte da história niteroiense através de uma perspectiva teórica não muito difundida e que enriquece os estudos socioculturais ao lançar luz sobre dimensões linguísticas e identitárias frequentemente negligenciadas.

Digno de menção é o fato de que este trabalho integra um projeto mais amplo, conforme apresentado na introdução, e que outras entrevistas, assim como os resultados decorrentes, ainda estão em processo de análise.

Esperamos que as contribuições trazidas com esse estudo possam fomentar a discussão sobre a relação representação linguística e formação de identidade cultural, incentivando novos olhares interdisciplinares e aprofundando a compreensão sobre os impactos sociolinguísticos da imigração em diferentes contextos. Esperamos também que este presente artigo sirva como ponto de partida para futuras pesquisas.

Agradecimentos

Este trabalho foi realizado com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ), por meio das bolsas Pós-Doutorado Nota 10 (processo nº E-26/200.191/2024) e Cientista do Nosso Estado (CNE). Agradecemos também o fomento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) através da bolsa de produtividade.

Declaração de autoria

Anderson Lucas da Silva Macedo foi responsável pela coleta dos dados junto aos descendentes de imigrantes alemães em Niterói, pela análise sociolinguística e pela redação da versão

inicial do manuscrito. Mônica Maria Guimarães Savedra contribuiu para a fundamentação teórica, especialmente no que se refere ao conceito de representatividade linguística, bem como para a interpretação dos resultados. Ambos os autores foram responsáveis pela metodologia aplicada, realizaram revisão crítica e o aprimoramento da versão final do texto.

Referências

- BEZERRA, Maria Cristina Caminha. *Britânicos e Alemães em Niterói: um estudo de migração urbana*. 2015. 350 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015.
- CALVET, Louis-Jean. Insécurité linguistique et représentations: approche historique. Une ou des normes? In: CALVET, Louis-Jean; MOREAU, Marie-Louise (orgs.). *Insécurité linguistique et normes endogènes en Afrique francophone*. Paris: Didier Erudition, 1998. p. 9-17.
- CALVET, Louis-Jean. *Towards an Ecology of World Languages*. Cambridge: Polity Press, 2006.
- EDWARDS, Jonh. *Language and Identity*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.
- GUEUNIER, Nicole. Attitudes and representations in sociolinguistics: theories and practice. *International Journal of the Sociology of Language*, n. 160, p. 41-62, 2003.
- HALL, Stuart. Who needs 'identity'? In: HALL, Stuart; DU GAY, Paul (ed.). *Questions of Cultural Identity*. London: Sage, 1996. p. 1-17.
- LANG, Agnes Cristina Wiedemann. Comunidade de luteranos alemães de Niterói: memória e identidade. *Cadernos do CEOM*, ano 16, n. 15, UNOCHAPECÓ, jun. 2002.
- JENKINS, Richard. *Social Identity*. Londres/Nova Iorque: Routledge press, 2004.
- MACEDO, Anderson Lucas. *Ethno-Linguistic Identity of the Post-Apartheid Generation*. Berlin: Peter Lang, 2024. DOI: 10.3726/b21579
- MICHAHELLES, Marina. A “Colônia Alemã” do Rio de Janeiro pelas lentes do clube Germânia. *TRAVESSIA - revista do migrante, [S. l.]*, v. 15, n. 44, p. 35-40, 2002. DOI: 10.48213/travessia.i44.858. Disponível em: <https://travessia.emnuvens.com.br/travessia/article/view/858>. Acesso em: 20 nov. 2024.
- PETITJEAN, Cécile. *Representations linguistiques et accents régionaux du français*. Journal of Language Contact, 2008.
- PETITJEAN, Cécile. *Représentations linguistiques et plurilinguisme*. 2009. 488 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Institut des Sciences du Langage et de la Communication, Université de Neuchâtel, Neuchâtel, 2009.
- SAVEDRA, Mônica M.; ROSENBERG, Peter. Deutsche Einwanderung in Brasilien: Sprachrevitalisierung und Transkulturalisierung. In: JOHNEN, Thomas; SAVEDRA, Monica; SCHRÖDER, Ulrike (org.). *Sprachgebrauch im Kontext: Die deutsche Sprache im Kontakt, Vergleich und in Interaktion mit Lateinamerika/Brasilien (Kultur – Kommunikation – Kooperation)*. Frankfurt am Main: Peter Lang, 2019. p. 19-54.
- SAVEDRA, Mônica Maria Guimarães; MAZZELLI, Leticia. Variedades linguísticas da imigração germânica no Brasil: vitalidade, glotopolítica e território. *Revista Feira de Santana*, v. 21, n. 1, p. 105-131, jan./abr. 2020.

SAVEDRA, M. M. G.; CHRISTINO, B.; PUPP SPINASSÉ, K.; ARAUJO, S. S. de F. Studies in contact sociolinguistics in Brazil: ethnolinguistic diversity in focus. *Cadernos de Linguística*, [S. l.], v. 2, n. 1, p. e315, 2021. DOI: 10.25189/2675-4916.2021.v2.n1.id315. Disponível em: <https://cadernos.abralin.org/index.php/cadernos/article/view/315>. Acesso em: 15 fev. 2025

SAVEDRA, Mônica Maria Guimarães; MACEDO, Anderson Lucas; SILVA, Maria Eduarda; TÁVORA, Robert Gomes. Entre práticas linguísticas e imigração: o caso dos germânicos de Niterói. In: SAVEDRA, Mônica Maria Guimarães; PEREIRA, Telma; MACEDO, Anderson Lucas (Orgs.). *LABPEC UFF: contato, glotopolítica e etnicidade em movimento*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2025. p. 171-192. DOI: 10.51795/9786526521410.

SILVA, Sidney de Souza; MELLO, Heloísa Augusta Brito de. A Colônia do Rio Uvã: várias histórias em uma só. *Signum: Estudos de Linguística*, Londrina, n. 13/2, p. 417-452, dez. 2010.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 1997.

TRUDGILL, Peter. *The Social Differentiation of English in Norwich*. Cambridge: Cambridge University Press, 1974.